

JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS



Effectivamente a moda trouxe-nos esta semana uma novidade, que tem absorvido a attenção geral do grande circulo amador.

Não vos prepareis porém, para lèrdes a minuciosa descripção de algum novo, bem combinado e precioso *toilette*: desde já vos digo que não é.

Nem tão pouco são as lindas encantadoras sedas do armazem Wallerstein, nem os graciosos e elegantes chapéos de M.^{me} Hortense Laccarriere, nem os blondes, as rendas de Alençon, de ponto de Inglaterra, os mil variados enfeites, maravilhosos, deslumbradores, que guarnecem graciosamente o magico salão de M.^{me} Barat, os caprichosos objectos d'entre os quaes surgiu a grande novidade.

Nada disto foi. As sedas, os chapéos, os blondes, as rendas, a moda do toucador, emfim, tudo foi addido para mais tarde. A novidade é outra.

Gyrão mesas e chapéos!
Chapéos e mesas gyrando!
Mesas chapéos dançando!
Gyrão mesas e chapéos!

Esta é que é a novidade, querida leitora; foi isto o que ouvi da boca de todas as pessoas com quem estive durante a semana,

O magnetismo, a força electrica applicada, é pois toda a novidade, é todo o cuidado; é toda a maravilha, é emfim a melhor noticia que trouxe o paquete inglez: é a moda authenticada desta vez, não por M.^{mes} Gagelin, e Alexandrine, e Vignon, as mais notaveis modistas de Pariz, mas sim por celebres e acreditaveis doutores, allemães, portuguezes, americanos e francezes. Já vèdes que traz o cunho do — *Recipe*.

Os encantos, a magnificencia, o luxo dos lindos *toilettes* do baile dado em S. Cloud por Napoleão; a sempre curiosa descripção de um baile imperial; a descripção da apparatusa cerimonia da crisma do conde de Pariz, na capella da embaixada franceza, em Londres, na presença da antiga familia real da França; são cousas agora de pouca attenção. Queremos ver dançar as mesas e os chapéos.

Com effeito os *Jornaes* da capital estão cheios, columnas inteiras, de explicações, experiencias, e resultados felizes das mesas e chapéos que dançam e que têm dançado na Allemanha, na America do Norte, em França, e ultimamente em Portugal.

A leitura desta novidade foi rapida e a seu effeito immediato.

Para logo cada um curioso quiz fazer a experiencia indicada; moços e velhos reunirão-se, ensaiarão-se, ajustarão os dedos, e eil-os soffregos, mas silenciosos, ao redor da mesa que ha de gyrar.

Houve um tempo, querida leitora, que na Praia Grande, como antigamente se chamava, (era eu mui criança, mas lembro-me' perfeitamente) a mania de fazer e decifrar charadas esteve no galarim da moda. Os moços e moças, os velhos e velhas, não querião outro passatempo; dias e noites empregavão na decifração de charadas, e no prazer de as haver decifrado. Era então uma graça, ver uma companhia composta de dez, doze, e ás vezes mais pessoas, de todas as idades e sexos, reunida em uma sala, luzes, portas e janellas abertas, cada um para seu lado, de mão na cara, ou de cabeça para o ar, mudos e quados, a decifrar charadas. Os que não sabião da moda, muitas vezes julgááo, vendo-os desta fórma, que erão maniaços que estavam convalescendo naquelle logar, arrufados uns com os outros. Porque, querida leitora, não era só em uma casa que isto se via, era em todas as casas da Praia Grande, nas horas de recreio, e geralmente nos domingos que para lá ião os *denúys* da cidade com as algibeiras cheias de charadas. Algum tempo depois, exercitada a intelligencia, não havião charadas por mais difficéis, que não fossem decifradas logo. Os charadistas redobrááo de animo, os decifradores cada vez mais valentes formigááo de todas as partes, a moda vulgarisou-se cutão, foi a todos os cantos do Imperio, enraizou-se por toda a parte, e ainda hoje existe; menos na Praia Grande, onde teve seu berço, e a mais frenetica e decidida influencia.

Com o magnetismo das mesas e chapéos, estou vendo que vai acontecer a mesma cousa. Algumas senhoras e cavalheiros conheço eu, que ha quatro dias ensaião uma mesa e dous chapéos: por ora ainda não soube do resultado, porque, querendo elles dar a publico a sua experiencia se fôr bem succedida, trabalhão em muito segredo. Logo porém, que puder ser, eu vos darei conta do que houver passado, se antes disto não tiverdes um cento de exemplos, como é de esperar, á vista do furor e da perseverancia com que se trabalha.

Vamos agora dizer duas palayras á respeito da gravura que vos offerece hoje o JORNAL DAS SENHORAS.

Esta gravura, d'entre as quatro que nos trouxe o *Severn*, foi a que de preferencia julguei apresentar-vos, porque, sendo um lindo figurino de noiva, e indicando o mais rico, o mais nobre, e o mais moderno vestuario para esta solemne cerimonia, ainda vai chegar em tempo de servir á algumas das nossas bellas assignantes, que, provavelmente até o fim do mez, segundo me consta, devem estar amarradinhas, bem amarradinhas, pelos laços de hymeneu.

Não vos direi nem sequer o nome de uma só, porque bem sabeis os usos e costumes da terra; mas penso não revelar o segredo annunciando-vos que são, nada menos, de dezescis as noivas a que me refiro. Oh!... como hão de estar puzadas aquelles coragesinhos...

Felizes, bem felizes sejam ellas no seu porvir:

Em França os casamentos são de manhã; ninguém, salvo em perigo de vida, tem direito de receber as bençãos matrimoniaes a outra qualquer hora: os noivos hão de ouvir missa primeiramente. Voltando para casa, a noiva depõe o lindo e transparente véo que a envolve toda, muda o seu vestido de casamento, e um novo vestuario lhe serve para a hora do jantar: este vestido é então decotado, e mangas curtas; não muda a grinalda, e o ramo do peito é conservado no mesmo logar.

Em o nosso paiz, onde temos a mesma religião, não ha essa regularidade; a celebração da missa é dispensada, e as bençãos nupcias recebem-se a qualquer hora. Portanto, querida leitora, a moda, que tambem tem seu caprichoso predominio na sociedade, dispensará o livro de missa e o segundo *toilette*, sempre que os casamentos não seguirem os preceitos da igreja catholica apostolica romana de França. Ficará a noiva com o mesmo vestuario com que foi de tarde á igreja, pois que é essa a hora mais favorita entre nós; e embora lhe seja incommodo, embora a véo se anarrote, se rasgue, tenha paciencia, só mudará o vestuario ás dez horas da noite, que é quando os convidados têm o costume de retirarem-se, e os padrinhos despedem-se da querida afilhada.

Mas, seja como forem os usos e costumes, recommendo-vos, além de tudo o que é lindo no presente figurino, que useis do penteado em caracões ricados, tal qual elle vos indica, porque é de um effeito adoravel o cabello penteado por esta fórma.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

PRIMEIRA FIGURA.

VESTUARIO DE NOIVA. Penteado *Eugénie*, ornado de uma grinalda de flores de laranja. Este penteado forma-se, adiante, de tufas de cabello curto, ricado, encaraçolado, e todo puxado para cima, deixando descoberta toda a testa e fontes.

Vestido afogado de nobreza branca, coberto com tres folhos de renda larga recortada, ponto de Inglaterra.

Corpinho de basquine, rodeado da mesma renda. Sobre o ponto da renda passa uma orla geral de passamaneria de seda branca. Oito alamares de passamaneria de seda enfeitão o corpinho adiante, de baixo a cima. Este corpinho é de talhe mui comprido, para que a sua guarnição de renda venha prefazer o quarto folho do vestido.

Mangas pagodes, guarnecidas de tres ordens de renda, ponto de Inglaterra.

Ramo de peito collocado á esquerda.

Véo de filó liso, de linho, quadrado, e muito grande; está preso sobre o amarrado da trança, e as pontas sobre o peito esquerdo.

Luvras de punho, de pellica branca. Gargantilha de ponto de Inglaterra. Livro de Missa.

SEGUNDA FIGURA.

Vestido liso de tafetá cõr de canella, afogado. *Pelisse* do mesmo tafetá, guarnecida de renda

preta chantilly e de uma fita em crespo a *la vieille*, que o enfeitava todo em roda. As mangas são igualmente guarnecidas com renda chantilly, crespos a *la vieille* e laços dobrados de fita cor de canella. — Chapéo de seda e blonde, enfeitado de fita cor de rosa.

Cattete, 16 de Julho.

Christina.

ROMANCE.

A DAMA DAS CÂMBELIAS.

(Continuado do n. 28.)

VI.

Subi, e achei Armando de cama.

Logo que elle me viu, estendeu-me a mão, que apertei, notando que ardia em febre,

— Estais com febre, lhe disse.

— E' verdade; mas attribuo este estado á rapidez da viagem.

— Vistes a irmãa *della*? lhe perguntei.

— Sim; mas quem vos disse que eu tinha ido vê-la.

— Alguem... conseguistes o que desejavaes?

— Sim... mas dizei-me, quem vos contou tudo isso?

— Foi o guarda do cemiterio do *Père Lachaise*.

— Vistes também a sua sepultura.

Respondi com um acceno de cabeça, porque Duval pronunciou estas palavras com a voz tão alterada, que vi, que com effeito não se havia esquecido *della*, e reciei magoal-o mais.

— E essa sepultura é tratada com o desvelo que merece? perguntou-me.

— Sim, respondi:

E então desatou a chorar copiosamente. E para que a conversação se não prolongasse mais, perguntei-lhe:

— Porque vos demorastes tanto nessa viagem?

— Porque estive doente de febres quinze dias.

— E porque voltastes, sem que estivesseis completamente restabelecido?

— Porque se me tivesse demorado ali mais oito dias teria piorado.

— Mas agora que estais aqui, deveis tratar da vossa saúde. Eu e vossos amigos vos faremos companhia.

— Sim... mas em menos de duas horas devo sair.

— Não vos esponhais assim, meu amigo.

— Devo forçosamente fazel-o.

— Que negocio tão grave vos obrigará á isso?

— Tenho de ir á casa do commissario da policia.

— Se quizerdes, eu me incumbo de fazel-o.

— Obrigádo, meu amigo, mas devo por força

vê-la... porque desde que vi sua sepultura não prego olhos... Não posso acreditar que *ella*, tão moça e tão bonita, não exista.... E' necessario que eu veja o que Deus fez dessa creatura, que tanto amei... e talvez que isso me faça esquecer-a.... Haveris de acompanhar-me, não?

— Porque não? mas, que vos disse a irmãa?

— Nada.... Admitrou-se muito que eu, que não sou parente nem adherente *della*; quizesse comprar alguns palmos de terra para sua sepultura, e assignou de prompto a autorisação que lhe fui pedir.

— Se me fosse licito pedir-vos-hia que demorasseis para mais tarde a translação do corpo de Margarida.

— Não posso, nem devo esperar mais.... Quero vê-la por força.... Talvez que este desejo tão ardente nasça da febre que me corróe, que seja um somno das minhas insomnias, e o resultado do meu delirio... e por isso quero experimentar....

— Tendes razão; e gostoso eu vos acompanho. Mas, dizei-me primeiro, já procurastes Julia Duprat? lhe disse.

— Sim. Fil-o logo que cheguei á Pariz.

— E recbestes o *jornal* de Margarida?

— Aqni o tenho; e tirou de debaixo do travesseiro um rôlo de papeis, que guardou logo.

— Sei de cor e saltado quanto *ella* escreveu nestes papeis, que ainda não me fartei de lêr. Depois que vos contar a historia dessa infeliz victima do mais puro amor, confiar-vos-os-hei... mas, por emquanto, permiti-me que vos occulte o que elles encerrão, e outrosim que vos peça mais outro obsequio,

— Em que vos posso ser util?

— Vistes a pé ou de carro? perguntou-me.

— Vim de carro.

— Pois então fazei-me o favor de ir ao correio buscar as cartas que hei de ter ali demoradas. São de meu pai e de minha irmãa, de quem ha muito não tenho noticias. Quando voltardes, iremos juntos á policia prevenir ao commissario de que a cerimonia deve ter logar amanhã.

Corri á rua *Jean Jacques Rousseau*, e voltei com duas cartas para Duval.

Achei-o de pé e vestido para sahir.

— Muito obrigádo, me disse elle, quando lhe entreguei as cartas, que leu por alto.

— Podemos partir... só amanhã responderei á estas cartas.

Dirigimo-nos á policia, e convencionou-se que a translação teria logar no dia seguinte pelas dez horas da manhã.

Voltei para casa, e confesso que não pude pregar olhos toda a noite. Se a mim aconteceu isto, o que não succederia ao pobre Duval!

No dia seguinte apresentei-me em sua casa ás nove horas pouco mais ou menos. Achei-o de pé, e com as feições alteradas,

— Não pude pregar olhos esta noite... e escrevi esta carta a meu pai.

E mostrou-me uma carta volumosa,

Dahi a meia hora estavamos no cemiterio, onde encontramos o commissario.

Encaminhámo-nos para o logar da sepultura de Margarida, indo adiante o commissario, e atraz, eu de braço com Duval. De vez em quando

estremecia, como se estivesse de malcitas; mas disfarçava o que sentia, sem me dizer uma só palavra.

Pouco antes de chegarmos á cova, paramos, elle, para limpar o rosto, e eu para tomar folego.

Quando chegámos á sepultura achámos dous homens corpulentos a cavarem-n'a.

Armando encostou-se á uma arvore, e não despregou os olhos da terra que revolvião. De repente as enxadas rangerão nos eixos, e então senti Duyal tremer como se fosse tocado por uma machina electrica; e apertou-me a mão por fórma tal que me doeu.

Um dos coveiros lançou mão de uma pá, com que tirou a terra da cova, até que encontrando algumas pedras jogou-as fóra.

Eu não perdia Armando de vista, receioso de que antes de se terminar esse processo tão demorado, elle perdesse os sentidos.

Quando appareceu o esquife, o commissario disse aos coveiros:

— Abrão; — o que conseguirão fazer, á custo, porque o feitor era insupportavel.

— O meu Deus! meu Deus! disse Armando, levando um lenço ao nariz.

Eu tambem mal me podia ter nas pernas.

Os vermes tinham roído parte do rosto de Margarida, e seus dous lindos olhos erão dous buracos. Armando com os olhos arregalados mordeu o lenço que levára ao nariz, e que fez em tiras.

Então o commissario lhe perguntou:

— Reconheceis esta mulher?

— Sim, balbuciou Armando.

— Podem levá-la.

Os dous coveiros fechávro o esquife, e o conduzirão para o logar que de antemão lhes fóra designado.

Armando não dava signal de vida, e para que de todo a não perdesse, perguntei ao commissario:

— Podeis dispensal-o agora?

— Posso, sim... e aconselho-vos que quanto antes o arranqueis daqui, me disse o commissario.

— Vamos, disse eu a Armando, enfiando-lhe o braço.

— Que queres commigo? gritou elle.

— Saíamos daqui; senão perdeis a cabeça.

— É verdade... mas não se mexeu.

Agarrei-o então pelo braço e levei-o quasi aos empuxões.

— Vistes os olhos della? me disse. Ah!!! E tremeu convulsivamente.

Consolei-o da melhor fórma que pude; mas, surdo ás minhas consolações, chorou como um louco! Chegámos á casa, e depois de o despir, obriguei-o a metter-se na cama.

Recomendei ao seu criado que não sabbisse da sua cabeceira, e fui buscar um medico, que trouxe commigo, logo depois.

Depois que este o examinou, perguntei-lhe se o mal era perigoso, ao que respondeu « Por ora não corre risco. Se lhe não applicarmos promptos remedios póde perigar, porque o ataque cerebral, de que foi acommettido, apresentou-se com máo character. Este mancoço soffre mais do moral do que do physico; mas affirmo-vos que daqui á dias estará curado, quer de uma, quer de outra enfermidade. »
(Continúa.)



POESIAS.

AO CHÁ

FRAGMENTO.

I.

Era Julia sentada junto á mesa,
Repousando gentil o corgo angelico
Na cadeira, que orgulho respirava
Da carga que sustinha.

Alva dextra elevava a branca taça,
Firmada sobre o punho delicado
Que bello reflectia a sombra leve
No elano lustroso.

E a seotra, estendida no regaço,
Escondia alvos dedos entre as pregas,
Que pardos sombreados entretinha
Na-cassa do vestido.

E nos hombros, á par as duas tranças,
Reflectião gentis d'um louro escuro,
A' brilhante luz da tocha acesa
Mil auríferos raios.

Ondulava-lhe o seio brandissimo,
Como a vaga que meiga se espreguiça
Sobr'a arêa da praia, desatando
Um cantico d'amor.

De momento a momento aproximava
Aos labios de coral a branca taça,
Em que o chá fumegava, e os lindos olhos
Reflectião nos meus.

Vacillava-lhe a mão; tremendo o braço,
Descansava-o na mesa, lindo e alvo,
Como a nuvem do Céu cobrindo o corpo
De gigante granitico.

E seus olhos assim, d'azul tão puro,
Fitávro-se nos meus; e retirávro-se,
Como a estrella brilhante que desmaia
Do dia ao despontar.

Oh! quem a visse assim que não a amasse,
Como um anjo do Céu baixado á terra!
Como um sonho fagueiro acalentado
Em noite d'angustias!

Porque eu te vi assim, ó bella Julia!
Sem amor para dar-te, e nem ao menos
No futuro sequer uma esperança
Fagueira me luzir!

E porque esses sonhos tão doirados,
Que outr'ora esta vida acalentarão,
Não virão outra vez com seus perfumes
Meus dias orvalhar?

II.

Não poder eu amar-te, ó bella Julia,
Como o Moiro o allange, ou como a brisa
O perfume da flor, ou como as vagas,
Sobr'a praia do mar, o soitário?!

Não poder eu amar-te, ó bella Julia,
Como á terra natal ama o proscripto,
Como ludio o *tacapé*, ou como o nauta
Ama o fraco baixel que na tormenta
Sepulchro lhe será no fundo pego!....

Na infancia do viver meus dias turvos
Na lava do volcão que o peito tinha,
Murcharão prematuros, como as flores
Na lagem d'um sepulchro!.....

Salomon.

MINHA TERRA NATAL.

É cabocla a minha terra,
Tem mil enxames d'encanto;
Tem as matas por feitiço,
O Céu puro por seu manto;
Oh! ella é linda que mata,
Parece sempre um quehranto.
Tem o sol as litas d'ouro
Pela manhã despoutando,
São lindas as suas flores
Nas campinas des'broxando.

É bello o vento que passa,
Beijando o tronco lascado,
Ir fallar de amores doces
Ao arvoredado copado,
Ir pousar sobre o ribeiro
Que no mato vai chorado.
Como as tardes são tão bellas
Como eu nunca vi aqui:
Lá, sentada na ramagem,
Canta leda a *Juruty*.

Voão juntos *colibrys*
Beijando as flores da mata,
Na peroba ó *canindé*
Solta gorgeios que mata,
E murmurão de saudade
Branças aguas da cascata.
Lá banhei-me nos folguedos,
Nos folguedos de menino,
Minha mãe me dava beijinhos
Quando eu era pequenino.

Eu gostava dos cantares,
Dos cantares do *Juô*,
Era livre a minha vida
Sem tristuras e sem dó.
Nunca amores me prendirão
Como as flores no cipó.
Oh! que saudades que tenho
Da terra aonde nasci,
Aonde no ramalhado
Descantava a *Juruty*.

Leandro de Castilho.

SONETO.

Que terrivel soffrer não tem meu peito!
Que agonia terrivel não tolera!
Minha alma perturbada desespera;
Meu coração de dôr está desfeito!

Meu corpo jaz deitado em duro leito;
Cansado de soffrer a morte espera!...
A mente perturbada monstros gera,
Gera tudo á que o fado me ha sujeito!

As esperanças, Céos! que me nutrião,
Que tinham para mim um ar jocundo,
Já estas esperanças me não crião!

Agora só me resta um — ai — profundo!
Um — profundo gemido — que annuncieio
Que nasci p'ra ludibrio ser do mundo!

Por uma infelizia.

ACROSTICOS.

Celeste, divinal, d'anjo a figura!
>ccende no meu peito um fogo santo!
Zão pôde o tempo, não, minha ternura
Destruir: nem a sorte pôde tanto!
—nspirado prazer, que sempre dura!
Tize commigo, jura, e eu vou contente:
>mar-te hei de, meu bem, eternamente!

Eu te amo, qual se adora
—embrança de gratidão;
—nspiras-me de hora em hora
Sentimento que ha de eterno
>brasar-me o coração!

J. B. A. V.

CHRONICA DA QUINZENA.

Comvosco, leitoras, como a luz solar com o orbe, attingindo o seu zenith, eis a chronista dando tratos á incansavel reminiscencia para reproduzir-vos factos já sem duvida revelados pelos quotidianos telegraphos dos nossos typographicos noticiadores.

E bem critica semelhante tarefa para a imaginação que, amando os devaneios dos pensamentos, vê-se limitada á esterilidade das narrações de amesquinhados successos.

E bem quizera eu forrar-me á esse compromisso; mas ahí estão vossas espectativas, como impassiveis atalaias, promptas a me não perdoarem pelo mais simples olvido á que for condemnado por mim o mais insignificante movimento *quinzenario*.

Bem podêta eu, em quatro linhas, dar-vos conta de tudo o que, por esse mundo de theatros e bailes, attraheiu os nossos apreciadores taíes; e o conseguiria com a facilidade com que enumero as seguintes occorências:

Dia 1.º — No Theatro Provisorio representou-se o *Ernani*.

Dia 2. — A *Sylphide* deu o seu baile anniversario.

Dia 3. — No Theatro de S. Pedro representou-se o melo-drama — *Teckely, ou o Cerco de Mongatz*.

Dia 4. — Nada de novo.

Dia 5. — Idem.

Dia 6. — Forão os *Ovos de Ouro* á scena em S. Pedro.

Dia 7. — Em substituição á *Lucrecia Borgia*, foi o *Ernani* no Provisorio.

Dia 8. — Mais *Ovos de Ouro* em S. Pedro.

Dia 9. — *Vestalisou-se* a sociedade bailante, e teve logar a *Lucrecia Borgia* no Provisorio.

Dia 10. — Festejou-se o príncipe dos apostolos em S. Pedro, e ainda em S. Pedro houve mais *Ovos de Ouro*.

E assim em uma só columna deste jornal teria eu satisfeito os meus deveres de chronista; mas eu julgo um impossivel escrever-vos por esse modo; acostumada a preambular sempre, detesto o laconismo: e mesmo quando com todas as divagações, em duas linhas, se esgotasse a unica novidade que me cumprisse referir-vos, asseguro-vos, indulgentissimas leitoras, que não me faltaria o que dizer-vos, para de algum modo saciar o ardentissimo desejo que tenho de escrever-vos sempre.

Nada tendo agora de reflexionar-vos sobre os espectaculos, visto ser isso da incumbencia de outra penna; dir-vos-hei comtudo que a comedia — *Os Ovos de Ouro* —, quanto á boa execução de suas metamorphoses, faz honra ao engenho perspicaz do Sr. João Caetano: tem sido bem aceita, e o publico fanatisa-se por ella, como outr'ora pela *Rainha das Flores*, *Pilulas do Diabo*, etc.

Lá estava ella, faccira e voluptuosa, como ella mesma, essa Fada de tantos corações interprete de tantos amores.

A bella *Sylphide*, profusamente ataviada, dava

em seu seio os mais bellos encantos aos que a haviam buscado como ponto atrahente de fervidos enleios; era ella a digna desses entes tocados pela arrebatadora Therspsicore, que ebrios de lucidos transportes, esquecidos do tumultuar de agitadores e diurnos afazeres, ahí, nessa noite brilhante, desprendião-se de si mesmos para, novos seres, gozarem nova existencia, até que a orchestra, alquebrada finalmente pela fadiga da insomnia, desse terminio aos infatigaveis extasís.

Bem quizera ella ter inaugurado com seu esmero o modelo da harmonia, o prototypo do sublime; mas ahí estava o porvir, reservando-lhe o dezar do olvido que aos seus encantos votarlhe-hião, apoz o curto periodo de sete noites, aquelles mesmos que tanto a applaudirão, que tanto a bendisserão!

Ahi estava para rivalisar-se? Não, mas sim para conquistar-lhe primazia, a casta e pura *Vestal*, orgulhando-se na magnifica ostentação de suas candidas galas!

Que o digão os que á ella affluirão, que o confessem todos; e os louros da distincção terão classificado o triumpho da *Vestal*.

Agitem-se embora todas quantas emoções constituem a exaltação do espirito, na fruição desses prazeres que nos proporcionao os bailes; e por entre o fumo sagrado dos turybulos, resõem nas abobadas do Tabernaculo as religiosas notas dos Psalmos divinos, que me tereis visto desertar aos attractivos dos sarãos, e nova llena da Galia, sacrificar aos arroubos da distracção a concentração de minha consciencia!

E era assim que a commemoración da Apostolica Santidade do Principe da Igreja triumphava em minha fervida crença abrasada pelo profundo recolhimento de minha alma.

Leitoras, é no centro do movimento, que em alcatifados salões ella se agita aos sons de harmonicos concertos, que o coração dilata-se, e o espirito embriaga-se, e dourão-se os sonhos da fantasia; mas é ahí tambem, que a maledicencia, os zelos, e a injuria, acobertando-se em brilhantes purpuras, muitas vezes derramão o fel mortifero da angustia no fundo da aurea taça, onde á largos tragos sorvemos o nectar da ventura!

No entanto que ante as aras do Santo Christianismo trepidará o reprobado maldito, que abrigar na perversida consciencia, a concepção de semelhantes degradações; e o coração que denegrido de angustias penetrar os porticos sagrados, e lá, no centro dos feis aos preceitos de Deus, que elle sentir-se-ha expandir-se de emoções que se não adulterão, de prazeres que se não envelheão!....

Deveis lembrar-vos, leitoras, que em minha chronica passada, tratando eu da arte dramatica, omitti reflexões ácerca do nosso predilecto e condecorado artista.

Não foi por certo o desejo de censura, que instigou-me a scientificar-vos dos meus sentimentos, respeito á essa arte fanatisada por todos os povos; idolatrada em todos os tempos, desde que as preteritas gerações enxergarão nella o mais forte estímulo á civilisação.

E quando os juizes desse tribunal de prévia

consura, compenetrando-se da santidade de seus deveres, em vez de arbitrar parcialidades, em um criterio vicioso, seguem á risca os dictames de uma consciencia inspirada, negareis as vantagens que a sociedade colherá com a apreciação de um desses dramas moralisadores?

Perguntai á corrompida sociedade dos postergadores dos sacros dogmas, perguntai ás cinzas dessa *Inquisição* devastadora e infernal, se coberta de estigmas e maldições, não seria retrogrado o passo que desse após a especiação de um *Antonio José*?

Deixai, ou antes esperai que *Britannicus* surja no palco luminense; e depois perguntai aos despotas da nossa sociedade, se não terão dos vindouros os mesmos anathemas com que o presente renegou a memoria e os feitos de Nero?

E teremos, (perguntamos mesmo á posteridade), quem, dedicando-se aos bastidores dramaticos possa vir disputar gloria e preferencias á esse Talmá da America, que hoje leva ao extremo da sensibilidade sua ausencia da scena que nos tem sido tão cara?

Que o digão, não só os que a têm applaudido com os olhos, sepão tambem os que pela tradição o aprecião.

Gervina P. S. N.



Os Arabes e as suas Palmeiras.

FRAGMENTOS.

« Quando observei as áridas e desertas planicies, que se encontram entre Abusheher e as montanhas visinhas, e vi seus miseraveis habitantes meio nus, abrasados por um sol ardente, quasi sem outro alimento além das tamaras que lhes fornecem as suas palmeiras, não pude deixar de lamentar tão triste condição, e os avaliei no mais abjecto grão da especie humana, vendo quão contentes se mostravam da sua sorte.

Por certo, disse eu a um velho armenio, estes povos não podem ser tão loucos, que se julguem felizes neste estado de miseria e de barbaria. Parece-me uma raça activa e intelligente; poderá ella ser insensivel ao estado em que se acha? Não terá ouvi-lo fallar de outras terras? Não terá dellas inveja? Não desejará melhorar sua sorte?

O bom velho sorriu-se, e respondeu-me — Não, esta gente é das mais felizes, e longe de invejar a sorte dos outros povos, tem dellas compaixão. Porém, não vos admireis disto; contar-vos-hei uma anecdota que melhor explicará o que acabo de expor-vos — Ha tempos, que uma mulher arabe, habitante de Abusheher, acompanhou á Inglaterra uma familia que andou viajando neste paiz. Demorou-se ella ali alguns annos, e quando de lá voltou, todos os seus patricios se reunirão, para ouvir de sua boca as aventuras de sua via-

gem, e a narração do que havia passado em Inglaterra — Que viste lá? E' um bello paiz? São os povos mui ricos? São felizes? — A mulher respondeu, que o paiz era como um jardim, o povo rico, bem vestido, tendo boas casas, bellos cavallos, vistosas carruagens, e julgando-se mui sabio e feliz! — Toda a assemblea começou a invejar a sorte dos Ingleses, e por diversas formas mostrava cada um o seu descontentamento pela miseravel condição em que vivia. Nestas disposições ião já separar-se, quando por acaso a mulher se lembrou de dizer: — Porém, apesar de tudo isto, falta na Inglaterra uma só cousa — Qual é ella?! exclamáram os Arabes auctosos.

— Não ha uma só palmeira em todo o paiz!

— E' isso verdade?!.. foi a exclamação geral.

— E' de certo, respondeu a velha: em todo o tempo que ali estive, não fiz senão procurar esta arvore abençoada; porém sempre foi em vão!

Esta noticia fez mudar instantaneamente os sentimentos dos Arabes: a inveja se tornou em compaixão e desdem; e todos admirados perguntavão uns aos outros — como era possível viver gente em um paiz, onde não havião palmeiras!

(Extr. por *Eliza*.)

Coragem e beneficencia.

A grandeza d'alma não é privativa do alto nascimento, que outr'ora della queria fazer um monopolio: os sentimentos generosos e magnanimos encontrão-se muitas vezes nas classes mais baixas da sociedade.

Pouco tempo ha que um camponez da Fionia deu disto um bello exemplo que merece ser conhecido.

Tinha pegado fogo em uma casa da aldéa visinha, e elle correu immediatamente ali para ajudar a apagar o incendio; todas as diligencias forão inuteis, e as chammas havião já ganhado outra casa proxima, onde morava um pobre velho enfermo. Preparava-se o bom camponez para o ir salvar, quando lhe vêm dizer, que tambem em sua casa ha fogo, e que não tinha um momento a perder se queria salvar alguma cousa do que dentro havia. « Na verdade, diz elle, que é este um terrivel lauce: tenho na granja a colheita do anno, e na minha papeleira a renda que hei de pagar ao meu senhorio pelo anno findo; se perder tudo fico desgraçado; mas ali dentro está um pobre velho, que se o não soccorrerem, perderá ainda mais do que eu, porque perde a vida... Não tenho que hesitar... Que fação lá o mesmo que eu aqui faço. » E immediatamente entra na casa incendiada, e sem o acobardarem os perigos que vai correr, passa através das chammas, que já tomavão a passagem, e corre á cama do pobre velho. Toma-o o melhor que pôde sobre os hombros, e reunido todas as suas forças corre pelo meio das chammas, e vem quasi abafado pelo fumo, pelo fogo, e pelo cansaço, depor a sua carga em logar seguro.

O senado de Copenhague, movido deste acto de humanidade tão pouco commum, votou ao camponez uma taça de prata com uma inscripção

em que se refere seu virtuoso feito; e uma subscrição foi logo aberta para o indennisar da perda que o incendio lhe havia causado.

— Recompensar a virtude é animal-a, é despertar os homens a pratical-a.

Que menino esperto!

Um menino pobre, que pedia esmolas, chegou-se a um casal, e encontrando á porta a mulher do lavrador, lhe contou uma longa historia de suas desgraças, concluindo por pedir-lhe que lhe desse alguma coisa pelo amor de Deus.

A mulher arrepegada lhe negou a esmola, dizendo-lhe, que fosse trabalhar; porém o rapaz, sem mostrar-se desanimado pela severa repulsa, continuou a sua lamuria, e entre outras cousas, disse á mulher:

— Ah! se vós me dêsseis ao menos uma fatia de pão e um bocado de queijo, ... ensinar-vos-hia um segredo de que vos podereis aproveitar em todos os dias de vossa vida...

A proposta foi logo accita. O menino recebeu o pão e o queijo; e cumpriu a sua palavra. Chegou-se para mais perto da lavradora, e com ares de importancia, lhe disse:

— Vm. dê sempre um nó na linha quando coser, porque desta forma nunca ha de perder o seu primeiro ponto.

E foi-se chalandando.

Que menino!

Anecdota.

Um procurador de uma irmandade de certa provincia, vindo á corte encómendar um S. Sebastião para a sua freguezia, perguntou-lhe o escultor se queria o sancto vivo ou morto. O homem que não vinha preparado para tal pergunta, ficou um pouco duvidoso; mas por fim respondeu-lhe: « Olhe, senhor, para-lhe dizer a verdade eu não sei como lá o querem; e nessa duvida faça Vm. o santo vivo, porque se o não quizerem assim, elles-la que o matem, e fica o caso remediado. »

Pensamentos.

A mulher nunca fica no meio termo. Ella é anjo, ou é demónio. E ás vezes é uma coisa e outra!

A vida de cada homem é um romance, mais ou menos prosaico, mais ou menos poetico — e o desfecho desse romance é sempre o mesmo — a morte!

As palavras dos homens só devem ouvir-se com attenção, para as comparar com as suas acções, que é onde verdadeiramente se revela o individuo.

Não ha um prazer mais santo e mais doce que perdoar aos nossos inimigos; e em troca de um agravo deixar um beneficio.

Quando o tempo desfolha a corôa das nossas illusoes e das nossas esperanças, o mundo fica êrmo e deserto... é então que surge nos corações nobres o sentimento religioso do dever; então deixamos de existir para nós mesmos, e existimos para a humanidade!

Os defeitos alheios não devem servir de desculpa aos nossos.

D. Joanna P. M. de Noronha.

CHARADA.

Se és viajante, na Italia
Verás que sempre me achei.
Se não és, em qualquer parte
Os teus olhos já fechei. 4

Não sou boa! dizes tu!...
Que remedio, bom leitor?... 4
Quem tal faz mostra alma boa,
— Se a cousa não causa dôr... 4

Sem ser chapéo, carapuça,
Touca, toucado ou chinó,
Todos me poem na cabeça;
Mas agora é já sem pó.

Tendo finalizado o primeiro semestre de Janeiro a Junho, ainda persistimos no proposito de não suspender a entrega do JORNAL DAS SENHORAS a nenhuma das nossas Assignantes. As Senhoras, que não quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura, rogamos que tenham a bondade de mandar sua participação á casa unicamente dos Srs. Wallerstein & C., rua do Ouvidor n. 70, afim de que nos primeiros dias do mez de Julho possamos então mandar suspender a entrega.

As charadas do numero passado são: 1.^a, Charafaris; 2.^a, Ovo; 3.^a, Marselina.

Acompanha este n. 29 um figurino de noiva.